

especial Pantano Grande 103,5

RÁDIO RIO PARDO FM

Nº 4 | SETEMBRO DE 2021

Produção em família na Fazenda do Cedro

Página 12

O famoso pastel de Pantano Grande
Página 6

Cemitérios no interior guardam memórias
Página 14

A Venda Velha no limite com Rio Pardo
Página 18

Histórias do primeiro prefeito do Município
Página 20

ANA BENTA

O balneário dos pantanenses

Situado na localidade de Aroeiras, o local é banhado pelas águas do Capivari e no verão recebe visitantes de várias cidades

Fotos: Cleber Nascimento

O professor aposentado Francisco Carlos Estrazulas Coimbra é proprietário das terras nas quais fica o Balneário Ana Benta, em Pantano Grande. Ele conta quem foi a pessoa que dá seu nome ao local. “Seria alguém que morava na margem direita do arroio com o nome Ana Bento Franco de Quadros. Como era muito conhecida e querida na época, o passo ficou conhecido como ‘O Passo da Ana Bento’. Aos poucos o pessoal foi mudando para Ana Benta”.

Banhado pelo Arroio Capivari, o Balneário Ana Benta é frequentado por pessoas que vão acampar ou apenas curtir um dia de sol. Claro, há moradores permanentes tam-

bém. Foi o pai de Francisco, Mário da Silva Coimbra, que liberou a área para diversão dos moradores. “A nossa região estava com o calcário em expansão e o local começou a crescer. Muitas famílias se estabeleceram ali”.

Após a morte do pai, em 1982, Francisco assumiu o controle das terras junto com a mãe Edith Estrázulas Coimbra. Foi aí que surgiu a ideia de liberar espaços para construção de casas. “Hoje temos cerca de 30 casas no balneário”, nos conta o dono do lugar, que explica ainda a forma como se dá a cessão do espaço. “Não existe nenhuma forma comercial. A gente tem um protocolo de intenções assinado por todos que possuem casas lá.”

Estrutura completa para quem vai acampar

A área de camping tem churrasqueiras com rede de luz, água potável e sanitários. Francisco faz questão de frisar que tudo é feito de acordo com normas ambientais. “Totalmente de acordo com a legislação vigente. Nós recebemos a fiscalização e nos deram os parabéns pelo eficiente trabalho de saneamento que temos aqui.”

Cuidar do meio ambiente é a única exigência feita aos moradores e frequentadores. Nenhuma árvore ou animal deve ser maltratado. Placas indicativas orientando as pessoas sobre o que pode e o que não pode estão espalhadas pela área do balneário. Tudo para manter a ordem e receber os visitantes. “No verão vem gente de toda parte: Rio Pardo, Pantano Grande, Encruzilhada”, lembra, e ainda conta que as pessoas ficam encantadas com a beleza do local. “O pessoal chega e diz: ‘que lugar bonito’. E já querem saber se tem como cons-

truir casa lá, pois se sentem bem junto à natureza”.

O trabalho dos moradores do Balneário Ana Benta é fundamental para manter a ordem do local. “Eu costumo dizer que é uma equipe socialmente forte. Pena que minha mãe não existe mais, mas eu considero uma extensão da família. Porque a gente conseguiu juntar um grupo de pessoas bem sociáveis”, finaliza.

Moradora do balneário há quase 20 anos, Diva da Silva Soares diz que ama morar ali. “Aqui tem tranquilidade, tem paz. Para mim é um lugar maravilhoso”.

Diva mora com o marido e a sogra, e lembra ainda que todos convivem bem com os visitantes. “Todo mundo se dá bem, tem amizade, é muito bom viver aqui”, diz a moradora, que complementa que não tem nada ruim lá. “Tem tudo de bom. Nada de ruim por enquanto. Nada a reclamar”.

Já Letícia Franco Costa,

de 22 anos, mora em Pantano Grande e frequenta o Balneário Ana Benta desde que era criança. Para ela, só lembranças boas. “Todo mundo conhece a gente lá. As melhores lembranças são dos torneios que saíam lá. Eram muito bons. A gente ia às 7 horas para lá para jogar, e ficava o dia todo, até anoitecer. Quando terminava o jogo, os homens pegavam pandeiro, cavaquinho, tampa de panela, colher, e o que tivesse pela frente pra batucar”.

A natureza é outro fator positivo para quem frequenta a “Benta”. Letícia diz que não há o que não goste no local. “Não tem nada que te faça não querer voltar. As pessoas que vão sempre voltam, porque a comunidade é educada, acolhedora, gentil e brincalhona, e logo nasce a amizade com os ‘estranhos’”. E completa fazendo um convite. “Quem tem criança e nunca foi lá vale a pena ir. De verdade.”



“Quem tem criança e nunca foi lá, vale a pena ir de verdade”
(Letícia Franco Costa)



Francisco Coimbra é proprietário das terras nas quais fica o balneário

quem foi?

SOTERO HERMÍNIO FRANTZ

Sotero Hermínio Frantz nasceu em 21 de outubro de 1904 e chegou em Pantano Grande em novembro de 1959. Foi o primeiro arrendatário do Restaurante Raabelândia, tendo como missão concluir a construção.

Sotero permaneceu à frente do estabelecimento por dois anos, quando o vendeu. Posteriormente construiu um prédio de dois andares à beira da BR-290, onde funcionavam hotel, churrascaria e rodoviária. Porém, nessa época o movimento do comércio em Pantano era pequeno e a população ia até Rio Pardo para

comprar carne, tendo em vista que o gado só era abatido nos fins de semana na localidade. Dessa forma, um contrato com um açougueiro foi firmado e o gado era abatido três vezes por semana e parte da carne era comprada pelo Hotel Frantz para abastecer a churrascaria.

Por 25 anos, a família esteve no comando do negócio, até que em 1984 o restaurante foi vendido. Hoje, no local está o Paradoiro V.

(Fonte: Relembrando a História da Nossa Terra - Pantano Grande, de Olivio Soares)

LABORATÓRIO GALLE
ANÁLISES CLÍNICAS E CITOLOGIA

Participante do Programa Nacional de Controle de Qualidade

Matriz: Rua Andrade Neves, 774 - Fone/Fax: (51) 3731-1554
Filial 1: Rua 13 de maio, 889 - Fone/Fax: (51) 3731-1244
Filial 2: Av. dos Amaraes, 1330 - Fone/Fax: (51) 3731-4310
Filial 3: Rua Duque de Caxias, 33 - Fone (51) 3734-1554
Filial 4: Rua Andrade Neves, 788 - Fone (51) 2886-0298
www.laboratoriogalle.com.br - contato@laboratoriogalle.com.br

*Terra de bons negócios,
oportunidades e qualidade
de vida! Pantano Grande e
sua gente de valor, comemoram
mais um ano de desafios vencidos
e muita história para contar.*

Parabéns!

Pantano Grande

34
anos



Nosso negócio é concreto!
Economia, sustentabilidade e segurança

☎ 51 3734 1307

☎ 51 2324 1307

🌐 www.estruturasellwanger.com.br

Rua Anibal Trevisan, 2.300 - BR 290 Km 213 - Pantano Grande/RS

NA HISTÓRIA



Fotos: Silvia Neuveid

O movimento tradicionalista em Pantano Grande

Antes da emancipação, na década de 1970, foi dado o primeiro grito de chegada da Chama Crioula

Sentado à beira do fogo, o professor aposentado Paulo Costa Fanfa nem precisa fazer muito esforço para lembrar de quando chegou a Pantano Grande, em 1957, recém formado professor, para ser o diretor da Escola Estadual Reunidas.

Este senhor de 85 anos não sabia que o nome seria eternizado na história da cidade, juntamente com o barbeiro Olívio Soares, quando sentiu falta das celebrações do dia 20 de setembro. “Na Escola Murilo Braga, em Santa Cruz do Sul a gente fazia festas tradicionalistas. Em Pantano não tinha nada”.

Em conversa, os amigos decidiram pedir nas fazendas

homens a cavalo para representar a localidade na chegada da Chama Crioula em Rio Pardo. No ano seguinte, o grupo decidiu trazer a Chama para Pantano Grande. “Arrumei pira e tudo, e surgiu o primeiro fogo crioulo. Juntou gente que dava gosto”, lembra o professor.

O fogo simbólico foi aceso em um galpão construído no terreno próximo à Igreja Nossa Senhora de Fátima. Fanfa recorda que era preciso criar uma ronda. “Cada noite eu pegava um fazendeiro para fazer a ronda. Eles traziam carne para assar e os convidados eram deles”, frisa, falando ainda que durante o dia estudantes tomavam conta da chama.

Em homenagens às carretas, surge o “Carreteiros”

Olívio Soares relata em seu livro “Relembrando a História da Nossa Terra - Pantano Grande” que muitos simpatizantes foram aderindo ao movimento ao longo dos anos. “Nossos desfiles eram feitos com a colaboração do Erico Mário Raabe, que emprestava os caminhões para realização, e a cada ano surgiam mais apoiadores e mais piquetes”.

Um fato curioso contado por Soares diz respeito

ao Piquete dos Extraviados. “No começo se misturavam os cavaleiros mal trajados. Aí fizeram o Piquete dos Extraviados. Aqueles mal pilchados ficavam no piquete de trás.

Em 1980, Soares fundou a primeira Invernada de Danças, junto com a professora Suzana Simões, na Escola Darcy Ferreira D’Avila. Quatro anos depois, ajudou a criar um Centro de Tradições Gaúchas em Pantano Grande. “Em

19 de abril de 1984 foi fundado o CTG Carreteiros da Saudade”, conta em uma conversa no mesmo local onde aconteceu a fundação: em uma das peças da casa.

O nome do CTG é uma homenagem, conforme nos conta o barbeiro. “Surgiu por causa das carretas que carregavam as pedras da Várzea do Capivarita até Rio Pardo. Eu tenho o nome de 196 peões que trabalhavam nas carretas”.



“Arrumei pira e tudo, e surgiu o primeiro fogo crioulo. Juntou gente que dava gosto” (Paulo Costa Fanfa)



Nas ondas da Rio Pardo, uma notícia bombástica

Hoje, Olívio Soares diz fazer parte do MTG, mas “deixa as atividades para os mais jovens”. Sobre fazer parte da história, ele relembra com orgulho. “Foi muito bom, graças a Deus. Não tenho nada a dizer por um erro de alguma coisa de ter criado o MTG, incentivado e criado o CTG”.

Dentre tantas histórias

contadas por ele, uma aconteceu no dia 23 de setembro de 1990, no dia em que a ponte sobre o Rio Jacuí caiu. Naquela manhã havia acontecido o desfile em Pantano Grande e o Carreiros da Saudade se preparava para ir participar do desfile em Rio Pardo. “Cheguei em casa e liguei o rádio na Rádio Rio Pardo e ouvi a

notícia de que caíra a ponte”.

Olívio Soares então pegou sua bicicleta e avisou o pessoal da internada de danças que não poderiam ir desfilar por causa da ponte. “Se rolaram de rir. Aí disse que sintonizassem na Rádio Rio Pardo. Quando ligaram o rádio, puderam ouvir a notícia sobre a queda da ponte”.

O Carreiros hoje

O servidor público Márcio Barcelos de Souza é atualmente o patrão do CTG. Ele está no cargo desde 2018. Souza fala sobre o que representa estar à frente do Carreiros da Saudade. “Posso dizer que é uma satisfação e ao mesmo tempo uma responsabilidade muito grande”.

Ligado ao MTG mais diretamente desde 2009, quando seu primeiro filho ingressou na internada artística pré-mirim, o patrão fala sobre as atividades desenvolvidas no CTG. “Além de eventos sociais, como bailes e jantares, a manutenção de grupos de danças tradicionais gaúchas com todas as suas atividades, a realização de eventos culturais como palestras e oficinas, a realização de eventos culturais como palestras e oficinas, a realização de Ciranda Cultural de Prendas e Entrevero Cultural de Peões, a participação em atividades campeiras, através dos laçadores vinculados à entidade”.

Vale lembrar que a entidade é Ponto de Cultura reconhecido pela Secretaria Especial da Cultura, tendo desenvolvido o Projeto “Carreteando Cultura pelo Rio Grande”.

“Entre os anos de 2014 e 2020, houve a realização de

oficinas de violão, informática, culinária gaúcha, danças tradicionais para a terceira idade, artesanato com couro, pintura em tecido, confecção de bonecas de pano e bordado com fitas. Também através do projeto foi realizada a aquisição de livros para a organização de uma biblioteca na entidade”, conta Souza.

Outra atividade desenvolvida no Carreiros é a interação com a comunidade escolar, que realiza visitas às escolas, especialmente pelas prendas e peões do CTG para a realização de palestras, além da participação direta das instituições durante as atividades da semana farroupilha com a ida dos alunos até o CTG. “Também atuamos através de projetos sociais, como a campanha do agasalho, arrecadação e doação de livros e material escolar, arrecadação

e doação de brinquedos”, enumera o patrão.

Claro que a pandemia atrapalhou, e muitas atividades foram suspensas, tendo sido realizadas algumas “lives” no ano passado. Mas aos poucos acontece uma volta. “Neste momento estamos realizando uma retomada gradual das atividades, sempre com todos os cuidados necessários à prevenção”.

Por fim, o patrão do CTG Carreiros da Saudade fala sobre o tradicionalismo em Pantano Grande. “Acredito que estamos em um bom nível, mas temos espaço para um desenvolvimento ainda maior. Apesar de ver na comunidade o gosto pelas tradições gaúchas, isso se dá mais em relação às atividades sociais, mas ainda um pouco afastada de outras atividades de cunho cultural”.



“Foi muito bom, graças a Deus. Não tenho nada a dizer por um erro de alguma coisa de ter criado o MTG, incentivado e criado o CTG” (Olívio Soares)



Olívio Soares foi pioneiro no tradicionalismo de Pantano

Cleber Nascimento





TURISMO

Culinária e hospitalidade pantanense

Famoso pastel da cidade faz com que visitantes parem para provar o prato, que é cheio de segredos

“Por favor, me vê um pastel de vento!” Isso mesmo. Além dos mais variados sabores do famoso pastel da Raabelândia, há aquele cliente mais exigente que não quer recheio na iguaria. Para eles, o mais gostoso é a massa. Mas, afinal o que tem de especial no prato? Para a proprietária Nicolle Raabe, esta receita passa de proprietário para proprietário e contém alguns segredinhos guardados a sete chaves. Nicolle conta que tudo começou com a família Bertussi, quando inauguraram

o restaurante. Logo depois, Alcides Laste assumiu o estabelecimento e posteriormente a família Raabe, que mantém o estabelecimento até hoje. Em um local privilegiado, às margens da BR-290, a Raabelândia é o ponto de parada de quem vai e vem da fronteira. Antes da pandemia, no auge da temporada de veraneio, em apenas um dia eram consumidos em torno de 800 pastéis. O sabor presunto e queijo é um dos mais pedidos. A proprietária conta que muitas vezes os clientes acham o valor um pouco acima do normal.

Mas, quando servido, observam o tamanho e recheio de qualidade, entendem. A proprietária confessa que, além de o restaurante ser um ponto estratégico de Pantano, em uma campanha publicitária de uma cervejaria daqui do Sul, sobre as 1.002 coisas para fazer no Rio Grande do Sul antes de morrer, uma delas era: “comer um pastel na Raabelândia em Pantano Grande”. Ela acredita que a propaganda destacou ainda mais a iguaria. Outro fato que ela destaca é de clientes famosos que pas-

sam por lá. Thiago Lacerda, Armandinho, Juliana Paes, Alcione, Bruno Gissoni, entre outros. Nicolle conta que são sempre muito simpáticos com todos e comem o famoso pastel. Por conta de todas estas referências, a empresa mantém processos rigorosos de qualidade da iguaria. É preciso conservar sempre as marcas tradicionais, pois o cliente, ao pedir o pastel, já conhece o sabor. Nada pode ser alterado. Além do mais, a massa é feita de modo artesanal, braçal. Sobre os sabores, os mais

conhecidos são: misto de carne, misto de queijo e frango. Mas o cliente pode escolher sabores como: pizza, feijão, chocolate, banana com canela, entre outros. Com a chegada da pandemia, o restaurante também precisou se reinventar e ofereceu o serviço de telentrega. E adivinha qual prato é o mais pedido? O pastel, é claro. Os clientes que passam pela Raabelândia não levam apenas o bom atendimento, mas também a amizade e a hospitalidade de toda a equipe.

Casal Empreendedor

No dia 02 de setembro de 2021, Carolina Fortes e Pedro Muniz, casal jovem e com uma veia empreendedora, resolveram mais uma vez, empreender. Buscando sempre inovar, Carol e Pedro inauguraram a Eskimó. Uma sorveteria com um formato diferente onde se busca aliar produto de qualidade com preço baixo. Tendo como objetivo, incentivar o comércio e economia da região, dia 16 de setembro, inaugura a segunda loja, dessa vez em Encruzilhada do Sul. Lá você encontra mais de 100 variedades e sabores que vão do sorvete de 2 litros, até picolés, sundaes e açaí.



Siga nossas mídias no Facebook e Instagram e ganhe 10% de desconto em qualquer produto!

BEM VINDOS
AO MUNDO
DE DELÍCIAS!

AGORA MAIS PERTINHO DE VOCÊ!



VENHA CONHECER NOSSA LOJA!
RUA DÁRIO LOPES DE ALMEIDA, 279 - CENTRO

054 9 9927-9972
@eskimopantanogrande

Pousadas, lugar de descanso e aconchego familiar

E é essa hospitalidade que Elaine Pereira, proprietária da pousada que leva seu nome, dispensa aos turistas argentinos e uruguaios que por lá passam.

Ela conta que tudo começou há cinco anos, quando passou a oferecer a própria residência aos turistas. O processo para atrair os "hermanos" era o tradicional: ficar às margens da BR-290 com placas indicando a pousada. A princípio houve medo, por não saber a quem se estava hospedando, mas com o passar do tempo fez amizades com os estrangeiros.

Com o grande movimento pré-pandemia, os negócios cresceram e houve necessida-

de de ampliação. Atualmente localizado no Bairro Vila Nova, o local possui piscina e um tratamento familiar. Os turistas chegam em Pantano Grande completamente exaustos por, às vezes, terem viajado em torno de 16 horas sem parar, e o diferencial é o acolhimento a qualquer hora do dia ou da noite. Hoje, a pousada pode acomodar 14 pessoas, com direito a café da manhã.

Elaine frisa que faz questão de tratar bem os que chegam: recebe falando o espanhol. Quando não é feita reserva e não há mais vagas na pousada, ela procura outras casas de passagem de amigos, para acomodação.

Se chegam com pneu furado, o esposo leva até a borracharia. Enfim, a hospitalidade é o diferencial, e, por conta disso, se criou uma grande amizade entre proprietários e turistas. "Um trabalho muito gratificante".

Uma característica dos uruguaios e argentinos que Elaine destaca é que eles são muito família e bem trabalhadores.

Quanto ao futuro, a Pousada da Elaine vem recebendo contatos para possíveis reservas para o verão 2022. Mas, como tudo está incerto, ainda por conta da pandemia, é cedo para comemorações. Mesmo assim, o pensamento positivo prevalece.



Hospitalidade fideliza o cliente

E sobre esta hospitalidade, Alda Dianêz de Oliveira, uma das proprietárias do Hotel Cidade Nova, o segundo mais antigo de Pantano Grande, conta que tudo começou com a instalação de uma lancheria do outro lado, às margens da BR-471, na entrada da cidade, pelo pai João Maria de Oliveira. Com o passar do tempo, observou que muitos caminhoneiros que transportavam calcário tinham pouca opção para o almoço e resolveu abrir um restaurante. Devido ao sucesso, logo começou a construir o prédio do futuro estabelecimento. A ideia era fazer do andar térreo um restaurante e na parte superior o hotel. Iniciou com sete quar-

tos. Trabalharam no ramo de refeições até 2004, ano em que João Oliveira veio a falecer. Ficaram somente com o hotel, que hoje conta com 20 quartos.

Para Alda, o período considerado o melhor é em torno de 45 dias durante o veraneio. Para ela, isso é muito bom, os lucros aumentam nesta época. A proprietária ressalta que a grande maioria dos clientes são os representantes comerciais, assíduos do estabelecimento. Há clientes que são fiéis ao local há mais de 20 anos, e isso gerou uma grande amizade entre proprietários e hóspedes.

Quanto aos "hermanos", Alda disse que são sempre bem tratados, pois eles

viam em torno de 1.000 quilômetros até chegarem a Pantano Grande. São recebidos com uma cama gostosa, um bom banho, café da manhã, além, é claro, se preciso, esquentar o leite para a mamadeira. São essas coisas que a empresária faz questão de manter: um trato de qualidade aos clientes. Todos são bem atendidos, já que é a partir da hospitalidade que ela fideliza a clientela.

Quanto à perspectiva para a temporada de verão 2022, Alda não está tão otimista. Acredita não ser ainda o momento da invasão dos vizinhos uruguaios e argentinos. Porém, sempre há esperanças de que tudo possa mudar.



Saudamos o município de Pantano Grande e toda a sua comunidade pelos 34 anos de emancipação política.

ESPORTE

Dirigentes de clubes se mobilizam para manter as atividades mesmo com as dificuldades

A reconstrução do futebol em Pantano

É fato que a pandemia do coronavírus atrapalhou também a prática esportiva e a realização de grandes competições. Em Pantano Grande não foi diferente. O coordenador de esporte no município, Sérgio Bicca fala em reconstrução. “A gente está reconstruindo e isso não vai ser da noite para o dia”.

Bicca, que joga futebol há 40 anos, lamenta a falta de incentivos. “Nós tínhamos na década de 90 um campeonato de futebol que só jogávamos com atletas de casa. E foi perdendo espaço pela falta de continuidade”, cita, lembrando que antes era possível manter o primeiro e segundo quadro. “Hoje, tem as categorias livre e veteranos”.



“A internet está mais atrativa. Então, nós temos que fazer o esporte mais atrativo” (Sérgio Bicca)

Clubes tradicionais se mantêm, apesar das dificuldades

Wagner Leão de Leão, 37 anos, é Técnico de Enfermagem e está à frente de uma comissão provisória composta de presidente, vice, diretor administrativo e comissão de apoio do Futebol Clube Monte Castelo desde 24 de julho de 2021, a partir de uma assembleia realizada na sede do clube com o patrono do time. “Desde então, já arregaçamos as mangas e estamos trabalhando até a formalização da nossa chapa”, frisa.

O clube é o mais antigo de Pantano Grande, fundado em 1º de março de 1948. “De lá pra cá muitas vitórias vieram ao longo destes anos. Times fantásticos, jogadores a nível profissional, que atuaram com as cores vermelho e branco, muitos títulos, primeiro quadro, segundo quadro e veteranos”.

Leão conta ser “filho, sobrinho, primo, amigo de jogadores e ex-jogadores do clube, e cria do Monte Cas-

telo”. Mas que não está satisfeito com a situação do clube. “Vamos reativar o clube com objetivo de trazer lazer e entretenimento a nossa comunidade, e, por que não?, para a região durante os finais de semana”. Para isso ele também fala em reconstrução. “A reconstrução é um momento muito delicado, a parte da estrutura de campo e vestiários está precária e vamos trabalhar para deixar tudo pronto e bem arrumado e organizado”.

Esperança da Vila Gonçalves dos Pedregais

Em 1964, um grupo de amigos, colegas de trabalho e irmãos se reuniu para montar uma equipe de futebol no interior de Pantano Grande. Após o encontro, foi criada a equipe de futebol de campo Esperança Futebol Clube, com o primeiro presidente sendo Adroaldo Leão e o vice-presidente Victor Leão.

Fabiana Silva Rosa foi casada com o filho do fundador. Por isso sempre teve ligação

com o clube. “Eu sempre estava junto. Aí eu comecei a ajudar mais e, quando vi, me envolvi. Chegou num ponto em que todos disseram que eu deveria ser presidente”.

Ela completa dois anos de presidência em 2021, e disse que estar à frente do Esperança representa ajudar nas dificuldades. “Hoje em dia as pessoas estão muito ocupadas e não têm mais tempo para ajudar. A gente não planeja

O coração vai vindo, vai sentindo vontade e vai fazendo com o objetivo de ajudar sem intenção nenhuma. O que eu faço é de coração”.

Um ano após a posse veio a pandemia e a proibição de fazer eventos. Mas se engana quem pensa que Fabiana ficou parada. “A gente deu início à terraplanagem do campo. E promovemos rifas e venda de camisetas para conseguir manter as contas em dia”.



Expectativa de dias melhores

Mesmo morando em Santa Cruz do Sul, Fabiana está sempre indo até a Vila Gonçalves dos Pedregais para visitar o pai. Assim, consegue conciliar a função de presidente do clube. Como meta fixa a melhora na sede do clube e o cercamento do campo. Uma reunião com a Prefeitura já foi realizada, mas é preciso a ajuda dos sócios também. “Hoje, a gente tem 30 sócios que pagam R\$ 15,00 por mês e ganham a janta de aniversário do clube. Mas o volume de sócios é baixo para o valor que a gente precisa”.

Wagner Leão e a comissão que está à frente do Monte Castelo estão atuando em duas frentes, que são os cuidados com o campo e as melhorias na parte estrutural. Para o futuro, o projeto é ousado. “Primeiramente estamos trabalhando e desenvolvendo um plano de sócios com benefícios ao clube aos futuros associados, bem como promo-

ções que fortalecerão nossos apoiadores. Além disso, a médio e longo prazo, a possibilidade de, junto a comunidade, uma escolinha de futebol e demais atividades esportivas para as meninas também. O Futebol Clube Monte Castelo vai ser o clube que vai ter atividades para a família inteira. Será o clube da família pantanense”.

Para o coordenador de esportes Sérgio Bicca, a reconstrução do futebol em Pantano Grande passa por uma continuidade nas atividades. “A minha ideia é movimentar os clubes o ano todo. No primeiro semestre, um campeonato de campo; e no segundo, fazer com que esses clubes tradicionais joguem campeonatos de futsal. E inserir copas nos campos. E no fim de ano um encerramento no Estádio Municipal”. Sobre o estádio, a previsão é de que somente no ano que vem esteja liberado para práticas esportivas.



Sérgio Bicca quer movimentar os times o ano inteiro



PróVida
SERVIÇOS ASSISTENCIAIS

CONHEÇA A NOVA PRÓVIDA 24 HORAS!

Onde você estiver, no horário em que precisar!

serviços ←

- ⊕ Policlínicas integradas;
- ⊕ Mais de 30 de especialidades médicas;
- ⊕ Mais de 10 de especialidades não-médicas;
- ⊕ Aplicativo PróVida;
- ⊕ Rede conveniada de descontos;
- ⊕ Remoção de pacientes em ambulância;
- ⊕ UTI móvel 24 horas;
- ⊕ Transporte de apoio;
- ⊕ Empréstimo de equipamentos médicos e de reabilitação; **60 dias gratuito**
- ⊕ Odontologia;
- ⊕ Exames laboratoriais e de imagem;
- ⊕ Serviços de enfermagem;
- ⊕ Atendimento domiciliar em diversas áreas;
- ⊕ Assistência Funeral.

Em breve
NOVA UNIDADE
em Pantano Grande

📍 Rua: Tales Colombo, 149 - Pantano Grande 📞 (51) 2324-0088
 @assistencialprovida /providaservicosassistenciais
 PróVida Serviços Assistenciais e Medicina do Trabalho
 0800 007 9095
www.provida.med.br

IMOBILIÁRIA
CASA VERDE
negócios rurais



Vendas e Arrendamento de Fazendas

vamos
negociar?

casaverdeimobiliaria.com

Pantano Grande/RS
Encruzilhada do Sul/RS

imobiliariacasaverdepantano@gmail.com

51 9 8020. 9990
51 9 8050. 7837
51 9 9900. 1648

**AJUDAMOS
VOCÊ A FAZER
BONS NEGÓCIOS.**

PERFIL

Fotos: Equipe Giro



Depois de cinco anos, Pantano Grande tem uma corte novamente

Na noite do dia 16 de agosto de 2021, no Salão Paroquial da Igreja Nossa Senhora de Fátima, foi escolhida a nova corte de Pantano Grande. Foram escolhidas para formar o trio representante do Município a rainha Hellen Teixeira, a 1ª princesa Luisa Tompsen e a 2ª princesa Amanda Borba.

Hellen Teixeira de Moraes, 21 anos

Estudante de Biomedicina e estagiária no Posto de Saúde Central

O que representa pra ti ser Rainha de Pantano Grande?

Um momento de muita felicidade e gratidão por ter a oportunidade de representar minha amada cidade.

Como será levar o nome de Pantano Grande além-fronteira?

Uma honra. Desde criança, como prenda, representei Pantano Grande nos quatro cantos do Rio Grande do Sul, com muito amor e orgulho. Como soberana não será diferente, a cada compromisso como rainha

quero expressar toda a minha admiração por esta cidade.

O que deseja para tua cidade?

Desejo que nossa cidade continue se desenvolvendo, prosperando e colhendo os frutos do nosso povo, que tanto trabalha por Pantano.

O que espera nestes dois anos de reinado?

Trabalhar muito por nossa comunidade, estar presente em todos os eventos, realizar ações e projetos que visem o bem-estar dos pantanenses.



Que nossas conquistas sejam contínuas e o nosso amanhã repleto de persistência e esperança, para que os frutos do trabalho realizado, sejam colhidos em forma de progresso!

Parabéns
Pantano Grande!
34anos





**Luisa Cruz Tompsen,
18 anos**

Estudante de Filosofia

O que representa pra ti ser Princesa de Pantano Grande?

Ser princesa de Pantano Grande representa toda a comunidade e representa todos os valores pantanenses.

Como será levar o nome de Pantano Grande além-fronteira?

Será de grande honra levar o nome da cidade além das fronteiras.

O que deseja para tua cidade?

Desejo que minha cidade floresça cada vez mais em todos os aspectos, na cultura, no comércio e, principalmente, na educação.

O que espera nestes dois anos de reinado?

Espero que sejam completos de amor, aprendizado e, principalmente, memórias que serão eternizadas.



Amanda Franco Borba, 22 anos

Trabalha na Escola de Educação Infantil Diamante Colorido e estudante de Pedagogia

O que representa pra ti ser Princesa de Pantano Grande?

Representa carinho e acolhimento por parte das pessoas, me sinto abraçada por muita gente.

Como será levar o nome de Pantano Grande além-fronteira?

Será maravilhoso, mostrar que Pantano é um lugar bom de se viver, cheio de vida e com uma comunidade super unida e companheira.

O que deseja para tua cidade?

Desejo mais prosperidade e transparência, um lugar mais rico em valores e costumes.

O que espera nestes dois anos de reinado?

Eu espero crescer muito com Pantano, fazer parte deste desenvolvimento, em que juntos possamos inovar em cada passo, levando alegria e simplicidade para as pessoas.



Aponte a câmera do seu celular para o QrCode e assista ao evento de escolha da Rainha do Município de Pantano Grande transmitido pela Rádio Rio Pardo FM 103,5.

Campanha nas redes sociais

RÁDIO RIO PARDO FM 103,5

<http://www.gaz.com.br/>

gerencia@radioriopardo.com.br

[riopardofm103.5](https://www.facebook.com/riopardofm103.5)

[@riopardofm103.5](https://www.instagram.com/riopardofm103.5)

[995 55 07 90](https://api.whatsapp.com/send?phone=5555995550790)

Rua Andrade Neves, 431, sala 202 - Centro, Rio Pardo/RS - Fone 3731 1390

Parabéns, Pantano Grande, pelos 34 anos!

Temos muito orgulho de fazer parte do desenvolvimento econômico e social da cidade que tão bem nos acolheu.



Point BURGER
O Point da Galera

99846 8009

AV. MACHADO DE ASSIS, 229
PANTANO GRANDE

SABOR E QUALIDADE

São 34 anos de belas histórias vividas por um povo que ama a sua cidade!

Parabéns Pantano Grande!

VEREADOR LIBINHO
Pantano Grande/RS

Vereador do POVÃO!

PARABÊNS PANTANO GRANDE

Guto
CARLOS AUGUSTO
VEREADOR

[carlosaugusto.freitas.5](https://www.facebook.com/carlosaugusto.freitas.5)

[vereadorgutofreitas](https://www.instagram.com/vereadorgutofreitas)



Fotos: Gelson Pereira

PRODUÇÃO DIVERSIFICADA

Propriedade em Pantano Grande fornece matéria-prima para produtos derivados de leite de búfala

Os búfalos da Fazenda do Cedro

O dia estava chuvoso, mas mesmo assim viajamos até o interior de Pantano Grande e chegamos à Fazenda do Cedro de propriedade do médico veterinário Marcelo Alves Fortes, para conhecer um pouco sobre a criação de búfalos.

Fomos recebidos por Fortes, que contou ter começado no ramo em 1977, com foco na produção de carne. “A carne tem características bem interessantes. Tem uma proteína de melhor qualidade e é mais rica em aminoácidos essenciais, com menos gordura entremeada”.

Acompanhando um movimento dos criadores em nível nacional, de 2001 para cá, resolveu se dedicar à produção de leite. Fortes diz trazer animais de São Paulo, e conta

ter um touro da Bahia. “Onde tem melhor genética de leite do Brasil a gente busca reprodutores”, complementa.

Atualmente faz inseminação artificial, destacando que no búfalo ela é mais delicada. “Estamos usando sêmen de animais italianos. A Itália é um país que tem uma criação de búfalo bem expressiva. E tem uma tradição na produção de queijo”.

O veterinário conta ainda que, por ser um animal mais rústico que o bovino, requer um aporte menor de insumos e isso faz com que haja pouca interferência no meio-ambiente. Segundo ele, o búfalo tem uma adaptação boa no Rio Grande do Sul e em várias partes do mundo, como Tibete, Região Amazônica, Uruguai e Argentina.



“A gente esquento o leite a 40 graus bota na mamadeira e tenta convencer ele a mamar. Mas não é fácil” (Carolina Fortes)

A hora de alimentar os terneiros

A gestação da búfala dura dez meses e meio. “A gente tem um trabalho para tentar distribuir os partos ao longo do ano de maneira mais homogênea para uma produção mais estável. Se ficasse numa situação natural, a búfala ia concentrar os partos em um período do ano”, explica Fortes. Os pequenos mamam o colostro para adquirir imunidade e depois são separados e vão para uma espécie de “creche”.

Os dois filhos de Marcelo, Frederico e Carolina Diez Fortes, ajudam nos trabalhos da fazenda. E fica para Carolina a tarefa de alimentar os ternei-

ros. “A gente esquento o leite a 40 graus bota na mamadeira e tenta convencer ele a mamar. Mas não é fácil”, ela nos relata, concluindo que “depois que eles aprendem a mamar, a mamadeira é trocada por um balde com bico e ali os terneiros ficam por dois meses”.

A técnica passou a ser aplicada, pois havia em torno de 30% de mortalidade de terneiros. Marcelo Fortes conheceu esse sistema após fazer um curso na Itália. Mas a prática começou com outra fatalidade contada por Carolina. “Uma búfala teve gêmeos e morreu. Nós demos de mamar para os terneiros e eles ficaram bem.”





Um leite mais saudável

Marcelo Fortes produz a matéria-prima para um laticínio de Glorinha. Ele explica as vantagens do consumo de produtos derivados do leite de búfala. “O perfil de ácidos graxos presente no leite de búfala é melhor. Tem uma vez e meia mais proteínas que o leite de vaca”.

As pessoas que têm intolerância ao leite de vaca têm uma tolerância melhor ao leite de búfala. “A proteína do leite de búfala é A2A2, que provoca menos alergias. Isso é muito importante, pois dá uma possibilidade de essas pessoas consumirem uma variedade de pratos que têm leite”.

A Fazenda do Cedro entrega 80% do leite processado em Glorinha e produz quase 2 mil litros de leite por dia. O produtor calcula numa média entre 15 e 18 toneladas o total de queijo produzido por mês no Estado todo. “A gente tem uma gama de produtos pequena que não faz no Rio Grande do Sul, mas que são produtos especiais, como a ‘burrata’, que é muito procurada”, frisa, citando ainda que a Mozzarella é o produto

principal.

O leite de búfala tem rendimento industrial alto. “Enquanto em média a gente precisa de 10 litros de leite para fabricar um quilo de queijo, do leite de búfala precisa de cinco litros e meio”, compara Fortes.

Claro que os cuidados com o leite nas questões de qualidade, como contaminação, bacteriológica, saúde dos animais e higiene da ordenha, segue um rigoroso processo. Marcelo Fortes faz questão de destacar que os queijos produzidos são “100% com leite de búfala”.

Uma parceria com outro produtor permite uma venda para recria e abate visando o consumo da carne. Fortes estima que o Rio Grande do Sul hoje tenha em torno de 70 mil búfalos e, destes, são colocados no mercado da carne cerca de 25 mil animais. “O mercado está fluindo, ele existe e não seria um problema hoje para quem quer criar búfalo.”

Na Fazenda do Cedro existem 700 animais, sendo que 200 estão na ordenha. Como se dedica à soja, o espaço não

permite mais animais. “Mas a gente tem uma expectativa de aumentar para o ano que vem. Talvez 20% do animal na ordenha em 2022 e no outro ano mais 20%”, projeta.

No entanto, reconhece que, apesar dos benefícios dos produtos derivados do leite de búfala, a cultura do consumo no Rio Grande do Sul é mais atrasada. Sobre o fato de os produtos serem mais caros, Fortes exemplifica: “Uma vaca holandesa de boa qualidade produz 40 litros de leite. Uma búfala produz até 19 e come a mesma coisa que a vaca holandesa. O custo de produção não é barato, e o produto tem uma vez e meia mais proteínas, duas vezes gordura e minerais. Sem contar que o búfalo não é acometido pelo carrapato, que hoje é um problema sanitário grave na pecuária do Rio Grande do Sul”.

Como exemplo, cita ainda que são necessários oito banhos para controlar carrapatos em bovinos. O único problema do búfalo é o piolho e isso é resolvido com o uso de um produto duas vezes por ano.



**“Essa propriedade tem uma função social bem bacana. A gente produz muito leite, soja e carne. Muita gente vive daqui”
(Marcelo Fortes)**

Orgulho pela fazenda

Os búfalos pastam e ganham silagem de milho e trigo, e ainda farelo de arroz, pois é exigido um cuidado mais intenso com alimentação. Afinal “ele tem que produzir leite para sustentar o terneiro e vender”, diz Marcelo Fortes, que para isso planta também aveia e azevém para os animais.

Não há necessidade de confinamento, já que o búfalo é um animal rústico. Mas Fortes cita ainda outro motivo. “Eu acho que essa produção com o animal totalmente confinado é agressiva. A gente procura que eles exerçam a natureza deles. Que eles possam pastar, caminhar, ir pra dentro

d’água em um açude”.

Na cidade, que não tem tradição na produção de leite, a Fazenda do Cedro se destaca como uma das maiores desse tipo no Rio Grande do Sul. E deixa seu dono orgulhoso. “Essa propriedade me dá certo orgulho. Diretamente umas 35 pessoas comem daqui. Eu tenho empregados, filhos, esposas e todos tiram o sustento daqui”, comemora, lembrando que muitos de seus funcionários trabalham desde jovens. “Essa propriedade tem uma função social bem bacana. A gente produz muito leite, soja e carne. Muita gente vive daqui”, encerra.

CEMITÉRIOS HISTÓRICOS

Ruínas de túmulos e casas são cobertas de enigmas que intrigam quem tem a oportunidade de passar pelos locais

Os mistérios guardados no interior de Pantano Grande



Fotos: Vânia Soares

Quem vem pela BR-471, e entra na estrada de chão que liga até a localidade da Divisa, interior de Pantano Grande, pode ver em um descampado uma casinha de tijolos pintada de branco, com apenas uma porta. Lá dentro, está o túmulo do Luciano, um misterioso sem sobrenome. De acordo com o professor aposentado Paulo Fanfá, o desconhecido é considerado um santo pela população. Ele conta que, certa vez, um lavoureiro, assolado pela intensa seca, fez uma promessa a Luciano: se viesse a chuva e salvasse a lavoura, o fazendeiro, construiria um

túmulo adequado ao falecido. Após o pedido, veio a chuva e a promessa foi cumprida.

Há duas versões sobre quem seria Luciano. Uma de que seria um mascate e foi morto em uma viagem. A outra versão é sobre Luciano ser um mensageiro de guerra. O professor acredita na segunda versão, pois em 1883 não havia população em Pantano Grande.

A única certeza é sobre o túmulo ser muito famoso entre a população. O local recebe pessoas de várias localidades, que trazem flores e velas, acreditando estar diante de um jazigo milagroso.

Cemitério dos Guerreiros

E os mistérios continuam. Desta vez, na localidade denominada Volta da Cobra, interior de Pantano Grande. Este cemitério foi inaugurado no século 19. Com muros de pedras, há no local túmulos datados de 1889. Mas, pela arquitetura dos jazigos, provavelmente, existem túmulos bem mais antigos do que esta data. No entanto, por estarem muito deteriorados pelo tempo, é impossível localizar algum registro. Conforme Fanfá, nesta localidade não havia cemitérios e, como a viagem

com o cortejo até Rio Pardo, levava em torno de 3 a 4 dias, atalhando por campos, lamaçais, açudes e ainda necessitando passar a barca, houve a necessidade em construir um local para sepultar os entes. O Cemitério dos Guerreiros foi construído por três irmãos: Almir, Luís e Acássio, que eram chamados de guerreiros. O local é muito instigante pela forma dos jazigos – a maioria tem formato de capelas –, pela distância e pelo local ermo, no alto da colina. É um cemitério histórico cheio de mistérios.

RONILSON MIRANDA FRARE
ADVOGADO | OAB/RS 117.240



51 99500.6878
frare.advogado@gmail.com
Rua Olavo Bilac, 175, Centro
Pantano Grande/RS



Nosso carinho a todos os pantanenses e gratidão pela confiança de sempre.
Parabéns Pantano Grande! 31 anos

- Aplicação de medicamentos injetáveis
- Aferição de pressão arterial
- Aplicação de brincos

@pharmaclaagg
51 99546-4501 | 51 3734-1694
Rua Papa João XXIII, nº 248
Centro - Pantano Grande

PHARMA & CIA
A SUA FARMÁCIA

Rita Lobato morou em Pantano Grande

Seguindo o passeio pelo interior de Pantano Grande, agora em busca das ruínas da casa da doutora Rita Lobato. É preciso autorização, pois a área é propriedade particular. Até chegar ao que restou da estrutura, ainda tem uma imensa lavoura de azevém, estradas esburacadas e o matagal molhado pelo sereno. Descoberta recentemente, existem apenas partes das paredes entre as quais Rita residiu boa parte da vida. Ela é considerada a primeira médica do Brasil, mas não existem documentos que comprovem tal título.

Gaúcha, nascida em 9 de junho de 1866, em Rio Grande, Rita Lobato Velho Lopes, com apoio dos pais, ingressou na Universidade de Medicina do Rio de Janeiro, transferindo-se logo após para a Universidade de Medicina de Salvador, na Bahia. Rita iniciou a prática da profissão clinicando em Jaguarão, recém-casada, onde permaneceu por quase dois anos. Saiu para o mundo a estudar e, de volta ao Rio

Grande do Sul em 1910, passou a clinicar nos arredores de Rio Pardo, agora com domicílio na Estância Capivari, local onde estão as ruínas.

A médica praticou a caridade em homenagem à mãe, que morreu durante o parto do caçula. Prestou serviços e medicamentos gratuitos. Esqueceu de si mesma e atendeu a todos os chamados que lhe bateram à porta. De 1910 a 1925, exerceu intensamente a clínica domiciliar. Já com quase 60 anos, encerrou a atividade profissional. Em 1926 perdeu o marido, companheiro dedicado por 37 anos. Doou os aparelhos ao hospital local e ingressou na vida política, onde encontrou terreno propício pelo temperamento, tentando esquecer a mágoa pela morte de Antonio Maria e procurando ajudar a cidade onde clinicou por tanto tempo, sendo testemunha das dificuldades do povo.

Militou no Partido Libertador. Septuagenária, foi eleita vereadora pela sigla em Rio Pardo, repre-

sentando a vereança com a mesma dignidade e eficácia com que praticou a medicina. Exerceu o mandato até a implantação do Estado Novo, em 1937, que fechou as Câmaras Municipais. Mesmo assim, continuou sendo Presidente de Honra do Comitê Feminino Pró-Candidatura Darcy Porto Bandeira, em favor do conterrâneo à prefeitura de Rio Pardo. Se afastou da vida política no final da década de 1950. Passou a viver no Centro da cidade de Rio Pardo com os familiares, onde ficou até 1950. De 1950 a 1952 viveu em Porto Alegre, voltou para Rio Pardo em 1952 e faleceu em 1954. Ela está sepultada na catacumba de número 130 no Cemitério Municipal de Rio Pardo.

De acordo com a bióloga e pesquisadora pantanense Graziela Dolci Alves, infelizmente não há documentos sobre todas estas histórias, apenas relatos que passam há gerações. Restam os enigmas, como ruínas próximas à casa, que seriam túmulos de familiares da médica.



Preservação

Conforme o Secretário de Educação de Pantano Grande, Ananias Matos de Freitas, é intenção da Prefeitura preservar o local, mesmo restando apenas duas paredes em meio ao matagal. Por ser uma propriedade privada, não há

possibilidade de desapropriar o local para torná-lo ponto turístico, mas ao menos manter o que ainda resta em meio ao verde, onde, com certeza, lindas histórias foram registradas durante a vida de Rita Lobato e da família.




Parabéns
Pantano Grande
pelos seus 34 anos de
emancipação!

Que nossas conquistas sejam comemoradas
todos os anos, acompanhadas pelo progresso
e o crescimento da nossa gente!


RL Cereais
Agronegócio e Comércio de Grãos

Chico Sanches

 51 99945 8971



Infelizmente, não há documentos sobre todas estas histórias, apenas relatos que passam há gerações

MACHADO DE ASSIS



Fotos: Vânia Soares

Escola revela talentos no desenho

Quem chega à Escola Municipal Machado de Assis, na localidade do distrito do Monte Castelo, distante 14 quilômetros do Centro de Pantano Grande, vai encontrar Ruan e Rian. Não, esta não é uma dupla de moda sertaneja, mas sim dois grandes talentos do desenho.

Para a diretora do educandário, Simone do Amaral Lopes, é uma alegria muito grande tê-los como alunos. Vejo a cada dia o progresso deles. São amadores ainda, mas cada um com os próprios talentos. A cada dia, avançam ainda mais na arte da pintura. A direção e os professores apoiam bastante, com dicas, disponibilizando materiais,

como lápis, folhas de desenho, pastas. Tudo que está ao alcance da escola, é oferecido aos desenhistas. “Temos orgulho desta dupla”.

Com diferentes habilidades, Ruan Torres Cardoso, 14 anos, cursa o 9º ano. Ele conta que sempre desenhava, mas foi com a pandemia que o talento aflorou. Como não tinha nada para fazer, resolveu pesquisar na internet recursos para aprimorar os desenhos. Usa os materiais comuns; porém, recebeu de presente de uma professora um lápis 6b, e isso facilitou os trabalhos. Ruan adora filmes de terror e os personagens o inspiram. Na lista estão Coringa, Annabelle, A Freira, entre outras obras, para compor uma tela.

Ruan também transforma fotos em desenho. Foi o caso do prefeito pantanense Mano Paganotto e sua família. O adolescente pretende no futuro investir na publicidade do trabalho e aprimorar os quadrinhos, pois é o que mais adora fazer.

Rian Freitas Silveira, 14 anos, cursa o 8º ano; começou a desenhar aos 7 anos. No entanto, guardava os trabalhos por vergonha. Foi na escola que ele mostrou as habilidades

e os professores super aprovaram. Usa o lápis 6b e ocupa todo o espaço da folha. Ama cavalos, o animal é prioridade nas obras. Assim como as mulheres. Nunca fez cursos, é talento nato. Rian quer ampliar os desenhos para o futuro e, com isso, gostaria de ganhar uma prancheta de bancada e blocos A3 para aprimorar as obras e, para isso, ter mais visibilidade dos trabalhos.

Residentes no Monte Cas-

telo, os jovens contam que gostam muito de morar na localidade. Recebem o apoio de todos os professores e da equipe diretiva da Escola Machado de Assis, e também dos colegas. A dupla compartilha de um desejo para o futuro: ganhar dinheiro através do talento. Rian já dá os primeiros passos como domador de cavalos e quer seguir nesta profissão; e Ruan, batalhar para divulgar seus quadrinhos mundo afora.



Talentos que vêm de berço

UniCesumar
GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA

Polo Rio Pardo
Rua São João, 462 - Centro
Matrículas abertas!
Fone/whats: (51) 99748-3199
www.unicesumar.edu.br/ead
@unicesumarriopardors
@unicesumar.riopardo

EDUCAÇÃO

Alunos receberam kits de higiene e prevenção contra a Covid-19, além de terem disponibilizados alimentos também

Ações e inovações em tempos de pandemia

Como apoio às medidas contra a Covid-19, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Pantano Grande realiza diversas ações. Uma delas é a distribuição de kits de higiene e prevenção, onde todos os alunos e professores receberam um frasco de álcool gel e máscaras de tecido lavável. Foram entregues cerca de mil kits para alunos e professores das escolas municipais.

Além disso, todos os alunos da rede municipal receberam kits de material escolar. Em tempos de pandemia, essa é mais uma ação da Smec que busca beneficiar a comunidade escolar e oferecer

melhores condições para as aulas. A iniciativa tem o objetivo de assegurar a equidade, o acesso e o fluxo adequado das atividades escolares, promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes.

Os kits são divididos em quatro categorias, de acordo com o nível escolar: Educação Infantil; 1º, 2º e 3º Anos; 4º e 5º Anos e Anos Finais. Foram distribuídos 1,3 mil kits contendo os materiais necessários para o período escolar do aluno.

Outra ação é a distribuição dos kits de alimentação escolar que contempla 100% das famílias dos alunos das escolas municipais. São mais de

mil kits mensais, contendo: açúcar, bolacha doce sortida, coxa e sobrecoxa de frango, feijão, farinha de trigo, leite, macarrão, óleo, pão caseiro, frutas e verduras. Os kits são divididos em cinco categorias, conforme o número de estudantes em cada família.

Buscando oferecer maior tranquilidade e segurança para o retorno às aulas presenciais, a secretaria ainda inovou e colocou monitoras nos transportes escolares. Além da aferição da temperatura e distribuição de álcool gel para os alunos, a monitora auxilia na organização e no distanciamento durante as viagens.



Divulgação



Objetivo é oferecer melhores condições para as aulas mesmo durante o período que vivemos



EMEF Machado de Assis



EMEI Cebolinha



EMEF Dario Lopes de Almeida

Parabéns Pantano Grande, que Deus continue abençoando a cidade e a todo seu povo, com determinação e persistência, procuramos dar a nossa contribuição para o desenvolvimento do município.

Parabéns
Pantano Grande
34 Anos



EMEF Pantano Grande



EMEI Beija Flor



EMEF Sotero Herminio Frantz

EDUCAÇÃO
SMEC

Prefeitura Municipal de
PANTANO GRANDE
Cidade 2021 / 2024



FRONTEIRAS

Histórias de uma Venda Velha



Situada no interior de Pantano Grande, a localidade fica no limite com Rio Pardo

Fotos: Cleber Nascimento

Pelo interior de Pantano Grande viajamos até a Venda Velha por estradas empoeiradas e muitas vezes estreitas. Sem saber como chegar até lá, o jeito é ir perguntando para as poucas pessoas que encontramos no caminho.

Quase uma hora depois, encontramos a dona Loiva dos Santos, que finalmente nos dá a boa notícia: chegamos. Viúva há oito anos, ela mora com um dos quatro filhos, Evalino, de 16 anos. Os outros três foram embora trabalhar, mas ela diz que não troca a Venda Velha por nada. “Sair daqui pra ir para cidade não.”

Além de estar junto à natureza, Loiva cita o fato de que, no interior, até o tempo parece

que passa diferente. “Na cidade tem que ter horário para tudo. Antes das 8 horas não pode fazer barulho. Aqui a gente faz o horário”.

Mas é claro que há também as dificuldades. O transporte até o Centro de Pantano Grande não existe. Então, os vizinhos se ajudam e dão carona uns aos outros, para fazer alguma compra ou pegar as tarefas do filho na escola.

Assim, ela segue a rotina de cuidar da casa e no cuidado com a criação. Com medo da pandemia, recebe poucas visitas. Mas se engana quem pensa que ela se sente sozinha. “Aqui somos eu, meu filho e Deus sempre nos protegendo”, encerra o papo, se despedindo.



“Na cidade tem que ter horário para tudo. Aqui a gente faz o horário”
(Loiva dos Santos)

Enfim, a velha venda

Seguindo mais alguns metros chegamos enfim à Venda Velha propriamente dita. O local por muito tempo funcionou como um ponto de comércio onde se encontrava de tudo. Quem nos conta é Fábio Nunes Soares. “Aqui era uma venda e tinha um galpão. Os moradores antigos tinham um ‘paradouro’ para viajantes. Dizem que vinham carretas com produtos e levavam coisas daqui. Era um grande comércio”.

Fábio, que é irmão do ex-

-prefeito de Pantano Grande, Cássio Nunes Soares, não sabe precisar datas, mas diz que por volta de 1910 houve uma reforma na casa. Conta também que, no fim dos anos de 1970, o pai comprou a propriedade e a casa em estilo português com o assoalho de tábuas foi reformada mais uma vez. “Quando o pai comprou ainda era uma venda, mas já era bem menor do que foi. Hoje, é a sede da fazenda da família”.

Uma grande cidade é aquela que recebe bem quem chega, deixa saudade em quem parte e, principalmente, cuida muito bem de quem fica.

Parabéns Pantano Grande!

34 anos

Faz parte do seu destino.

PANTANO
em destaque

As últimas notícias da cidade de Pantano Grande em destaque no programa Cidade Alerta e ao longo de toda nossa programação!

Sintonize 103.5 FM!

No limite com Rio Pardo

As estradas mudaram muito, mas Soares conta que na época da Venda o local era uma espécie de “centro”. “Aqui tinha tudo: tecido, sal, vela. Tudo que precisava para casa tinha aqui”.

Na calma da fazenda e no aconchego da casa podemos respirar ar puro e conviver com a paz da natureza. Claro, tudo bem diferente do que um dia foi, principalmente por causa das modernidades. “É um lugar bom de morar, tem luz, comunicação e as estradas melhoraram bastante”, nos conta o morador.

Após andarmos 48 quilômetros desde Rio Pardo, passando pelo interior pantanense, Fábio nos diz que, se andarmos mais alguns metros, chegamos novamente em terras rio-pardenses.

Assim, deixamos a Venda Velha, situada no interior de Pantano Grande, e tão perto, mas ao mesmo tempo longe de Rio Pardo.



quem foi?

DARIO LOPES DE ALMEIDA

Dario Lopes de Almeida nasceu no município de Encruzilhada do Sul no dia 2 de novembro de 1866.

Foi uma personalidade em Rio Pardo, onde viveu tendo desempenhado funções destacadas. Fez da pecuária um condicionamento econômico de renovação e pioneirismo. As estâncias eram modernas e se adaptavam ao que havia de mais adiantado em cuidados da produção.

Dario foi um dos pioneiros da cultura do arroz no Rio Grande do Sul e nas propriedades residenciais chegava a ter jardins e pomares, o que ainda era uma novidade na vida do campo. Os negócios agropecuários, novas raças de gado e plantio dos arrozais foram

iniciativas dele na região de Rio Pardo.

Escolhido diretor da charqueada do paredão em Cachoeira do Sul, Dario Lopes de Almeida colaborou com o dinamismo na valorização dos negócios da carne. Eleito conselheiro municipal da Câmara Municipal de Rio Pardo, deu começo a uma carreira política. São muitos os projetos que apresentou na defesa da produção e da gente das fazendas, trabalhando na transformação e pelo enriquecimento da cidade de Rio Pardo.

Faleceu em Porto Alegre em 29 de maio de 1949, com 83 anos.

(Fonte: biografia do patrono, da Escola Dario Lopes de Almeida)



ESTAMOS AQUI PARA FACILITAR O CAMINHO.

Nosso propósito é a formação de excelentes condutores que buscam independência, liberdade e autonomia. Agradecemos aos moradores de Pantano Grande que confiam no nosso trabalho para ir mais longe e conquistar novos caminhos.





PERFIL

Há 34 anos Enio Paganotto assumia um Município novo em uma Prefeitura sem uma cadeira para sentar. Eram ele e o vice Ericson Raabe

O primeiro prefeito de Pantano Grande

Natural de Santa Cruz do Sul, Enio José Paganotto chegou a Pantano Grande em 1972, quando ainda era Rio Pardo. Hoje, com 75 anos, se considera um pantanense de alma e coração. Eleito primeiro prefeito do então recém emancipado Pantano Grande, ele fala sobre os desafios e a grandeza em ser pioneiro na administração do Município.

*Parabéns
Pantano
Grande*

*Uma cidade jovem e próspera,
construída com trabalho e
dedicação, que abraça e acolhe a
todos que nela vivem,
respeitando seus campos mais
verdes e floridos, comprometida
com suas belezas naturais.*

*Fazer aniversário é olhar para
trás com gratidão e para a frente
com muita fé!*

Parabéns Pantano Grande!

**34
Anos**

Secretaria de
Mineração e Meio Ambiente

Prefeitura Municipal de
PANTANO GRANDE

Especial 103,5 – Quem é Ênio Paganotto?

Ênio Paganotto – Vim para Pantano Grande em 1972 para trabalhar junto com meu pai, que era serralheiro, ferreiro e soldador. Comecei como ferreiro e logo tive meu próprio negócio, trabalhando sozinho. Com o passar do tempo, ganhando prestígio da comunidade, ampliei meu trabalho, e cheguei a empregar 36 funcionários. Participei de várias atividades dentro do Município. Fui presidente de todas as entidades sociais e filantrópicas de Pantano Grande como: CPMs, escolas de samba, Sorapag, e CTGs. Em 1982 concorri a vereador pelo MDB e fui eleito com 719 votos, o segundo mais votado em Rio Pardo. E na Câmara, acho que fiz um bom trabalho, ao ponto de ser escolhido o Destaque Legislativo em 1986, troféu que guardo com muito carinho até hoje. Ocupei todos os cargos eletivos da Câmara na época em que o mandato era de seis anos. Participei ativamente também da comissão de emancipação, quando, em 15 de dezembro de 1987, o governador Pedro Simon assinou a lei que tornava Pantano Grande um novo município.

103,5 – Por que lançou o nome para concorrer a prefeito?

Paganotto – Eu não lancei meu nome, lançaram. A comissão da qual faziam parte nomes como Érico Mário Raabe, Alcides Laste, Ericson Raabe, me procurou. Depois de muito pensar, dialogar com minha família, resolvi aceitar o desafio. Ganhei a eleição com diferença de 45 votos, nunca me esqueço, o ferreiro contra um grande industrial de Pantano Grande, Norberto Trevisan. E comecei meu trabalho: fiz parte da Associação dos Municípios do Vale do Rio Pardo (Amvarp), sendo presidente em 1986, fiz parte da diretoria da Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul (Famurs), e tentei, com os meios que tinha na época, colocar meu município nos trilhos. Reformando escolas, abrindo poços artesianos, construindo setores administrativos, centros comunitários, coloquei água em quase todas as vilas, naquela época tínhamos uma parceria com a CEEE, onde eu fiz dezenas, talvez centenas de quilômetros de eletrificação na zona rural, e assim, começou meu trabalho.

103,5 – Começar um município do zero foi desafiador?

Paganotto – Confesso, fiquei assustado! Tinha no bolso apenas uma caneta Bic; éramos eu e meu vice-prefeito Ericson Raabe. As organizações Raabe tinham reformado um prédio onde era o antigo engenho de Pantano Grande, prédio histórico, e tinham colocado aquele local à minha disposição. No entanto, quando cheguei lá, não existia nenhuma cadeira para sentar. Comecei do zero. Olhei pro meu vice e tive que rir, mas imediatamente liguei para o Jorge, da Fassul, era empresário e tínhamos um bom relacionamento. Ele enviou três caminhões da empresa com materiais de escritório, mobiliamos a Prefeitura e começamos a determinar o que cada secretário deveria fazer. Sempre tivemos um perfeito entrosamento com a Câmara de Vereadores e, assim, colocamos o Município no caminho do progresso.

103,5 – Após administrar o município quais foram suas outras atividades?

Paganotto – Fui assessor de quatro deputados estaduais. Me aposentei, mas sentia falta da atividade política. Minha esposa Cledi Paganotto, que já tinha exercido o cargo de vereadora por três mandatos, resolveu parar as atividades e,

com isso, decidi concorrer a vereador. Fui, me elegi. Acho que fiz um bom trabalho, fui presidente da Câmara em 2018, tive a honra e o privilégio de realizar o segundo piso do prédio do Legislativo. Após, me engajei na campanha eleitoral do meu filho Mano Paganotto, tivemos a honra de vencer as eleições. Hoje, atuo como secretário do Meio Ambiente, outro desafio, mas acredito que esteja no caminho certo, pois estou bem assessorado por uma eficiente equipe de trabalho.

103,5 – O amor em fazer o melhor por Pantano permanece?

Paganotto – Olha, eu sempre digo: nasci em Santa Cruz do Sul, mas quando eu morrer, tomara que demore muitos anos, quero ser sepultado aqui nesta terra. Aqui construí minha família, meu círculo de amizades, minha vida política, social, profissional e eu devo muito a este Município que me acolheu. Tenho a honra e o privilégio de ver por onde ando uma obra realizada na minha administração. Procurei dar o máximo de conforto aos moradores da minha cidade e acho que a gente nunca se realiza, mas creio que fiz tudo o que estava dentro do meu alcance.



“Eu não lancei meu nome, lançaram. A comissão da qual faziam parte nomes como Érico Mário Raabe, Alcides Laste, Ericson Raabe, me procurou. Depois de muito pensar, dialogar com minha família, resolvi aceitar o desafio.”
(Ênio Paganotto)

quem foi?

PEDRO NUNES DE OLIVEIRA

Nasceu no dia 29 de junho de 1884 e faleceu com 62 anos. Chegou em Pantano Grande em 23 de setembro de 1933, vindo da localidade da Boa Vista.

Pedro Nunes, juntamente com a esposa Araci e os dez filhos, construiu uma casa de madeira coberta de Santa Fé. Esta casa se transformou em um ponto de parada de viajantes, sendo considerada a primeira hospedaria da então vila de Pantano Grande. No local se

hospedavam carreteiros, e viajantes a cavalo, caminhões e ônibus.

Maistarde Pedro Nunes comprou de um grupo de portugueses um telefone que cedia à população para que fossem feitas ligações. Também fazia entregas de telegramas, jornais, encomendas e recados.

(Fonte: Relembrando a História da Nossa Terra – Pantano Grande, de Olívio Soares)



Divulgação

DESDE 1994

Soja em Pantano Grande é ouro



Vânia Soares

Em 1994 foi inaugurada a Arroeira Pantanense. Quatro anos depois passou a receber também grãos de soja. Com marca própria, vendia para cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. No entanto, a empresa focou na soja, e cessou a comercialização do arroz. De acordo com o diretor Mauro João Giacobbo, a escolha do local foi fundamental para a implantação da empresa. Às margens da BR-290, teria todo o potencial para grandes negócios. E assim foi, logo depois a empresa cresceu e expandiu para a vizinha Encruzilhada do Sul.

Formado em Engenharia Civil, Giacobbo tinha no Município de Espumoso uma firma de pavilhões pré-moldados, onde foi pioneiro no setor. Certa vez precisou ir a Pantano fazer um trabalho de montagem de um pavilhão, e sentiu que poderia implantar uma empresa de grãos, e assim o fez. Após alguns ajustes, o próprio diretor veio para assumir o comando dos negócios.

Para ele, a soja é uma *commodity*. Portanto, há como prever o valor do grão no futuro e isso faz com que exista uma previsibilidade maior. Por isso, é considerado, pela *expertise*,

um bom investimento. De acordo com Mauro, “soja veio para ficar, pois o mundo precisa de comida”. Além disso, o grão é utilizado em rações, cosméticos, pomadas, combustíveis e alimentação. Giacobbo diz que a soja, por conta da cor, é considerada ouro.

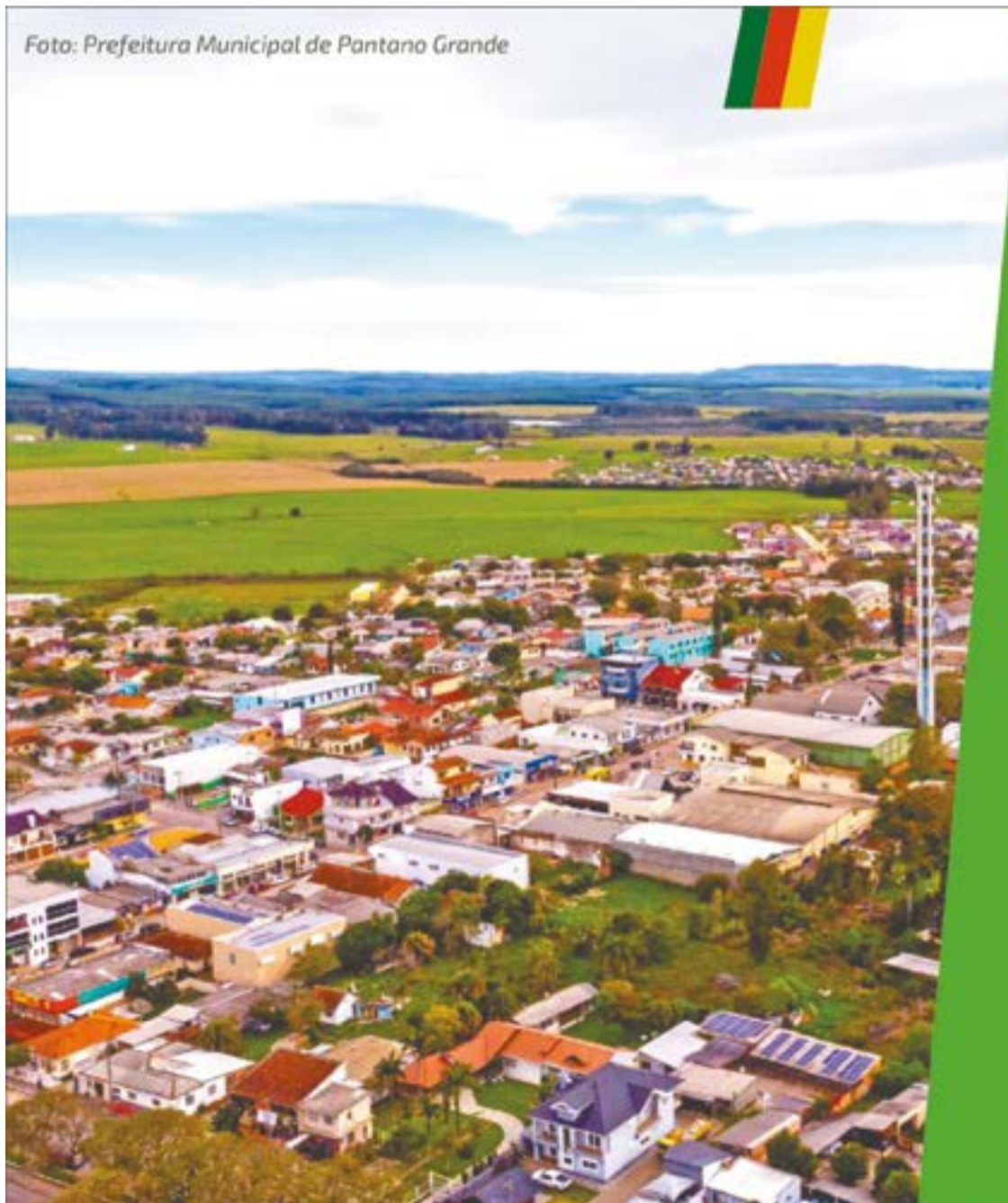
O Brasil hoje é o maior produtor de soja e a previsão é exportar para a China quase 100 milhões de toneladas do grão. O país é o maior comprador no Brasil.

Com todas as mudanças, a Arroeira virou a Cerealista Pantanense. Atualmente, é a empresa que mais recebe grãos

no Município. Graças aos anos no mercado, construiu credibilidade e confiança com os produtores. O papel da cerealista é de receber a soja, fazer uma pré-limpeza, secar o grão – quando há necessidade – e entregar no Porto de Rio Grande. Negociar com os compradores também é função da empresa.

Pantano Grande hoje se tornou um polo, pela quantidade de empresas que escolheram o Município para se instalar. Para o empresário, a aposta é que, com a duplicação da BR-290, a região terá todo o potencial para se desenvolver ainda mais.

Foto: Prefeitura Municipal de Pantano Grande



Juntos celebramos

esta bela história e as tradições da nossa terra.

Nossa homenagem a Pantano Grande pelos seus 34 anos de desenvolvimento e a todos os gaúchos nesta Semana Farroupilha.

20 de setembro de 1987



34 Anos

EU ❤️ PANTANO

Pantano Grande

Nos orgulhamos da história de luta e crescimento de todos que fazem parte desta terra...

Nestes 34 anos, a Prefeitura Municipal de Pantano Grande destaca o orgulho pelo seu povo, que com participação, trabalho e desenvolvimento, construíram essa linda história.

Crescer junto significa promover bem-estar, qualidade de vida e mais oportunidades para as pessoas, que fazem da nossa cidade um lugar cada dia melhor, celebrando uma história e olhando para o futuro.



Parabéns Pantano Grande

www.pantanogrande.rs.gov.br



Prefeitura Municipal de
PANTANO GRANDE



Rádio Rio Pardo FM
Rua Andrade Neves,
431 - Sala 202
Centro de Rio Pardo

51 3731 3790
gerencia@radioriopardo.com.br
facebook.com/radioriopardo103.5
instagram.com/riopardofm103.5
WhatsApp 51 995 550 790

Diretor Presidente
André Luís Jungblut

Gestão executiva
Jones Alei da Silva

Diretor de rádios
Flávio Falleiro

Gerente de rádio
Ricardo Figueiró

Edição
Marília Nascimento

Projeto gráfico
Gelson Pereira

Reportagens
Cléber Nascimento
e Vânia Soares


Comercial
Giselle Lima e
Sílvia Neuvald



ESTÚDIO PANTANO GRANDE



Avenida Machado de Assis, 159

 jornalismo@radioriopardo.com.br

 [riopardofm103.5](https://www.facebook.com/riopardofm103.5)

 [@riopardofm103.5](https://www.instagram.com/riopardofm103.5)

 51 99666 7143

